

A evolução da teoria e prática psicanalíticas: rumo a uma assintótica situação analítica total*

Raul Hartke**, Porto Alegre

O autor propõe que o desenvolvimento da teoria e da técnica psicanalíticas pode ser compreendido como uma redução gradual da exclusão de aspectos da personalidade e de conteúdos da mente tanto do paciente como do analista. Essa exclusão decorreria de limitações epistemológicas, teóricas, técnicas e emocionais para lidar com a tempestade de emoções presentes na relação. O desenvolvimento ocorreria em direção a uma assintótica situação analítica total, que envolveria a aceitação e uso técnico do maior número possível dos referidos aspectos e conteúdos. Quanto aos primeiros, a evolução teria ocorrido desde a focalização exclusiva no sintoma do paciente até o reconhecimento e utilização de fenômenos intersubjetivos gerados no e pelo par. Em relação aos conteúdos da mente iniciou centrada nas representações psíquicas recalcadas chegando a fenômenos decorrentes da insuficiência ou destruição do sistema de representações. São expostos pontos de vista do autor sobre o uso técnico destes desenvolvimentos, valendo-se da noção de vértices complementares, apoiada em Bion e Bohr e de uma adaptação da grade de Bion. É discutida a vigência atual de um conceito mais restrito de vida psíquica propriamente dita.

Descritores: Teoria psicanalítica. Técnica psicanalítica. Situação analítica total. Vértices complementares. Grade de Bion. Vida psíquica. Protomental.

* Versão completa da síntese apresentada na Mesa Redonda *A evolução da teoria e prática psicanalítica: da experiência de Freud aos nossos dias*, em novembro de 2006, na Conferência Internacional de Clínica Psicanalítica – *Psicanálise: singularidade e diversidade*, promovida pela Associação Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro, Brasil.

** Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

A experiência analítica, apesar de toda a aparência de conforto – divã confortável, cadeiras confortáveis, calor, boa iluminação – é, na realidade, uma tempestuosa experiência emocional para as duas pessoas. Se você for um oficial em uma batalha, espera-se que seja suficientemente sadio para poder ficar aterrorizado; mas, também se espera que você seja capaz de pensar (Bion, 1977b, p. 78).

Um encontro qualquer entre dois ou mais seres humanos sempre origina uma profusão de intensas emoções descrita por Bion (1979) como *tempestade emocional*. Uma turbulência geralmente acobertada por fina camada civilizada.

A relação analítica não constitui exceção a isso. Essa constatação implica reconhecer que envolve uma experiência emocional compartilhada por duas personalidades mais ou menos totalizadas. É graças a um contrato peculiar, estabelecido de uma assimetria de funções e constitutivo do espaço bem como do processo analítico, que a *tempestade* pode ser eventualmente transformada em uma experiência terapêutica. Trata-se, segundo Bion (1979), de “tornar proveitoso um mau negócio” (p. 492).

Penso, entretanto, que tal reconhecimento não esteve presente desde o início da psicanálise. E considero que a evolução da teoria e da prática analíticas desde Freud até nossos dias pode, sob certo vértice, ser compreendida como uma progressiva redução da exclusão, do espaço terapêutico, de partes ou aspectos da vida psíquica tanto do analisando quanto do analista. A gradual inclusão de tais aspectos foi possibilitada, por sua vez, pelo aprimoramento teórico e técnico psicanalíticos (incluindo mudanças radicais no horizonte epistemológico), mas, sobretudo, graças ao aumento da capacidade de continência (Bion, 1962) dos analistas às emoções vigentes na sala de análise. E isto em grande parte devido a suas análises pessoais. Um motor importante de todo esse desenvolvimento foram os desafios técnicos e emocionais suscitados por pacientes com maior comprometimento psíquico. Nesse sentido, os obstáculos ao tratamento constituíram desde o início a motivação maior para as mudanças evolutivas.

Para fundamentar e facilitar a exposição dessas assertivas distinguirei duas grandes linhas de desenvolvimento que julgo evidenciáveis (ver anexo1). Uma delas refere-se às partes da personalidade do analisando e do analista admitidas, conceitualizadas e utilizadas tecnicamente na relação analítica. A outra compreende os tipos de conteúdos mentais também reconhecidos, conceitualizados e trabalhados analiticamente. Em termos gerais, diria que a evolução rumo a direção ao que

chamarei de *situação analítica total*, que incluiria a maior parte possível dos aspectos de ambos os membros da dupla. Trata-se, no entanto, de uma meta assintótica, tanto pelo fato de jamais sabermos o que ainda estará desconhecido na mente quanto pela necessidade de certos aspectos permanecerem excluídos com o fito de não converter a relação analítica em um encontro qualquer.

Na primeira destas linhas pode-se falar de uma evolução que progrediu desde a focalização apenas no sintoma do paciente até o reconhecimento de fenômenos intersubjetivos gerados e mantidos pelo par analítico (ver anexo 1).

Com efeito, no início, apenas esse aspecto bem delimitado da personalidade do paciente – seu sintoma – era admitido e tratado na sala de atendimento. Além disso, era considerado de origem orgânica e tratado com métodos físicos. Ou seja, toda a vida psíquica permanecia excluída. Depois, com a técnica da hipnose (Breuer; Freud, 1893-1895), o psiquismo foi admitido, na medida em que o sintoma passou a ser considerado de origem emocional e a cura atribuída à catarse pela ab-reação. Mas apenas esse aspecto restrito continuava a ser focalizado. E mais do que isso: toda a parte consciente ficava excluída pela hipnose. Com a técnica da *pressão na testa*, Freud (Breuer; Freud, 1893-1895) abandona a hipnose, restringindo-se a levar o paciente, acordado, para um estado de concentração e, assim, induzi-lo a recordar as lembranças patogênicas esquecidas. O paciente, portanto, já era aceito desperto, não obstante continuasse a limitação apenas ao sintoma e o método estivesse calcado basicamente na autoridade do terapeuta. A partir da adoção da associação livre como regra fundamental da psicanálise, o paciente passa a ser convidado a falar qualquer coisa que lhe acudir ao espírito, o que também significa que não há mais uma restrição apenas às lembranças diretamente ligadas ao sintoma, embora esse ainda persistisse sendo o foco do tratamento. Com isso, Freud (Breuer; Freud, 1893-1895) descobre o fenômeno da resistência, que conclui constituir o correspondente, na relação analítica, às defesas intrapsíquicas mantenedoras da neurose do paciente. A análise dessas resistências transforma-se no caminho para tornar consciente e perlaborar os conteúdos psíquicos reprimidos. Sendo assim, enquanto, no início, Freud procurava simplesmente eliminar pela hipnose os fatores, no paciente, que impediam o acesso às representações psíquicas reprimidas, agora os transformava em um dos alvos centrais de trabalho analítico (Freud, 1904, 1905). Nessa mesma seqüência e ainda graças à técnica da associação livre, descobre a transferência, em 1901 (Freud, 1905). Isso implica não apenas aceitar na sala de análise a vida psíquica do paciente de forma bem mais ampla como, ademais, reconhecer que, na relação, ele desenvolve sentimentos quanto ao analista. Considerada inicialmente um obstáculo, a transferência é depois transformada no principal instrumento de acesso ao inconsciente. Essa conversão de um suposto

problema em um instrumento útil constitui uma das características mais destacadas do criador da psicanálise e um de seus maiores legados para todos aqueles que o seguiram. Mas Freud (1905, 1912) levava em conta basicamente os sentimentos e fantasias manifestos que o paciente dirigia ao analista. Postulava também que a transferência erótica sublimada não deveria ser analisada, por constituir uma das principais motivações para a cura. Em outras palavras, ocorria uma admissão e trabalho ainda restritos da transferência.

Conforme também é sabido, gradativamente, não apenas os sintomas, mas basicamente a estrutura caracterológica do paciente tornou-se o foco da análise, como é possível constatar na obra de Reich (1933), por exemplo.

Quanto ao analista, podemos considerar que, inicialmente, quando da utilização dos métodos físicos de tratamento, mas também da hipnose e da técnica da *pressão*, pensava-se que estaria presente no consultório tão somente com sua autoridade e raciocínio médicos. Com a técnica da associação livre, a autoridade diminuiu e Freud voltou-se basicamente para a localização e interpretação das resistências. Entretanto, a proposição da atenção uniformemente flutuante, correlata, no analista, da associação livre do paciente, implicou a aceitação e uso de um funcionamento mental já distante do raciocínio médico. A partir de 1910, com a descoberta da contratransferência, Freud (1910) passou a reconhecer que também o analista experimenta emoções no espaço analítico, resultantes da influência do paciente sobre aspectos seus inconscientes. Afirmou, porém, que, esses sentimentos precisariam ser eliminados, já que o analista deveria funcionar como um espelho que apenas refletiria o que provinha do paciente. Muitos anos mais tarde vários analistas passaram a considerar que isso constituía uma visão ainda restrita da contratransferência, chamada por Kernberg (1965) de *conceito clássico*.

E Freud parou por aqui. Em termos da situação analítica total, poderíamos dizer que o paciente já estava com sua vida psíquica amplamente aceita e abordada terapêuticamente. Quanto ao analista, reconhecia-se que também tinha emoções, mas postulava-se que elas deveriam ser excluídas da sala de análise, por constituírem uma ameaça aos objetivos propostos.

Após tudo isto, ocorreu um intervalo de muitos anos até que outros aspectos do paciente e do analista comesçassem a ser reconhecidos, teorizados e usados tecnicamente. É possível que isso tenha decorrido principalmente pelo fato de que passaria agora a envolver nuclearmente aspectos relacionados diretamente ao analista.

Assim, apenas nos anos 50 Heimann (1950) e Racker (1952) começaram a afirmar que a contratransferência é não apenas um fenômeno constante e natural na relação analítica como, além disso, pode e mesmo deveria ser usado como um

instrumento técnico importante para a compreensão do paciente. Surge, então, aquilo que posteriormente Kernberg (1965) chamou de *conceito totalístico da contratransferência*. Em termos da situação analítica total, constatamos, portanto, que outra parte importante do analista passa a ser admitida e usada tecnicamente.

Quanto ao paciente, em 1952, Klein (1952a), com seu conceito de transferência como situação total, propôs que esse fenômeno não só está presente desde o início do trabalho como encontra-se inconscientemente subjacente a toda e qualquer emoção e fantasia vivenciadas pelo paciente no espaço analítico. Ademais, todas as suas formas, sublimada, erótica e agressiva, deveriam ser interpretadas. Assim, nada que proviesse do paciente ficaria excluído da sala de análise. Em outras palavras, mais um avanço em relação à situação analítica total, termo que, aliás, adotei inspirado na formulação de Klein, relativa, em seu caso, apenas à transferência.

A etapa seguinte, quase duas décadas mais tarde, consistiu na proposição acerca de fenômenos presentes no espaço analítico que transcenderiam às duas individualidades ali presentes. A relação analítica não envolveria apenas duas pessoas mais ou menos totalizadas, com emoções próprias e com reações uma à outra, como originaria também fenômenos novos, que representariam mais do que a soma da vida emocional de ambos. Baranger e Baranger (1969) os conceitualizaram e propuseram usos técnicos baseados em sua teoria da situação analítica como um *campo bipessoal*. Ogden (1994) posteriormente os incluiu em sua concepção acerca do *terceiro analítico intersubjetivo*, que estaria em permanente tensão dialética com as duas subjetividades sempre presentes no *setting*. Da minha parte considero imprescindível postular também a necessidade do que chamo de *terceiro analítico supra-subjetivo* (Hartke, 2005). É constituído pelas normas do *setting* e provavelmente está relacionado à *Lei do Pai* formulada por Lacan (1966). Além disso, compreendo os fenômenos que transcendem à soma dos dois sujeitos na relação valendo-me do *conceito* de *propriedade emergente* (Hartke, 2004a, 2004b). Trata-se de uma estrutura global que, embora gerada pelas interações de elementos individuais, apresenta novas características de funcionamento que não podem ser deduzidas a partir de cada um deles isoladamente (Lewin, 1993, Honderich, 1995).

O passo mais recente na linha de desenvolvimento em apreço foi dado, a meu ver, por Ferro (1995). Apóia-se na formulação de Bion (1977b) acerca do paciente como o “melhor colega” (p. 95) do analista, no sentido de sempre saber o que tem em sua mente, bem como na teoria de campo de Baranger e Baranger (1969). Segundo Ferro, as associações do paciente entre outras coisas assinalam continuamente tudo o que está acontecendo no campo e que ainda é desconhecido para o analista. Com isso, penso que um novo aspecto é aceito e usado tecnicamente

na sala de análise, isto é, a função analítica da personalidade do paciente, sempre preservada apesar de tudo.

No que se refere à outra linha de desenvolvimento, relativa aos conteúdos mentais reconhecidos, conceitualizados e trabalhados analiticamente, podemos falar de uma evolução que vai da focalização nas representações psíquicas em direção a fenômenos que as antecedem, destroem ou substituem (ver anexo 2). Em Freud, conforme destaca o casal Botella (2001, 2002), a teoria psicanalítica é essencialmente uma teoria das representações psíquicas tornadas inconscientes pelo recalçamento. Em consonância, o trabalho terapêutico está voltado basicamente no sentido de fazê-las conscientes e perlaborá-las. Entretanto, desde cedo Freud (1894) também descreveu condições psicóticas nas quais a representação psíquica é totalmente abolida da mente, retornando, depois, a partir do exterior, como alucinação. Muitos anos depois Lacan (1966) retomou e reinterpretou essa noção da *Verwerfung* freudiana com o seu conceito de forclusão. Klein (1952b), por outro lado, com sua descrição da identificação projetiva passou a chamar atenção para um outro destino possível dos conteúdos mentais. Com o recalçamento eles são excluídos da consciência, mas permanecem ainda ativos na mente do sujeito, em seu inconsciente. Sob a ação da identificação projetiva, são cindidos do restante da personalidade e inoculados em outra mente, que passa então a vivenciá-los ao invés daquele que os projetou.

Entretanto, já nos primórdios da psicanálise, Freud (1895) descrevia quadros clínicos decorrentes de uma insuficiência psíquica, no sentido de uma capacidade restrita para a transformação de excitações somáticas em representações psíquicas. Seriam as chamadas *neuroses atuais* (Freud, 1898), que ele considerava inabordáveis psicanaliticamente. A partir de 1920 (Freud, 1920), passou também a levar em conta efracções no sistema de representações geradas por situações traumáticas, isto é, por um acréscimo de estímulos internos ou externos que excede à capacidade de elaboração do aparelho psíquico. Em linha com tudo isto, analistas de diferentes latitudes passaram mais recentemente a focalizar, conceitualizar e propor técnicas psicanalíticas para tratamento justamente dessas condições de insuficiência psíquica e de destruição do sistema de representações. Bion (1962, 1967) e Winnicott (1963), como todos sabemos, são pioneiros nessa direção. Atualmente o casal Botella (2001, 2002) tem desenvolvido contribuições valiosas a respeito, calcadas essencialmente na metapsicologia de Freud. E nesse ponto penso que ainda outro aspecto da mente do analista passou a ser admitido e utilizado na sala de análise. Trata-se de certos conteúdos mentais imprevisíveis, vívidos, não explicáveis pelas vias associativas normalmente possibilitadas pela atenção uniformemente flutuante, considerados anteriormente como distrações a

serem corrigidas. Nesse sentido, poderíamos inclusive falar de fenômenos mais além da atenção flutuante. Para muitos, como Ogden (1997) e Ferro (2005), por exemplo, estão compreendidos dentro daquilo que Bion (1962) chama de *reverie* do analista. Já o casal Botella (2001, 2002) os distingue desta última chamando-os de *figurabilidades*. Como quer que seja, representam, a meu ver, mais um passo na linha de desenvolvimento aqui abordada.

Até onde alcanço perceber, encontramos-nos atualmente nesse estágio em direção à situação analítica total.

Não descuro que esse resumo histórico possa constituir aquilo que Petruccioli (apud Faye; Folse, 1998) chama de *reconstrução racional*, ao referir-se especificamente à forma como Niels Bohr descreve o desenvolvimento da física. Nesse tipo de reconstrução os eventos são relacionados e ordenados de modo a tornar a teoria de seu autor a direção e ponto de chegada inevitáveis e mais satisfatórios do desenvolvimento abordado. Pressupõe, ademais, um processo cumulativo característico daquilo que Kuhn (1962) chama período de *ciência normal*. Também não ignoro que tem como diretriz uma determinada teoria geral psicanalítica. Muitos analistas consideram, entretanto e apenas para exemplificar, que a psicanálise bioniana representou uma mudança radical de paradigma, no sentido originalmente atribuído por Kuhn (1962) a esse termo. Assim, as proposições fundamentais de tornar consciente o inconsciente ou de estender os domínios do ego para onde estava o id seriam substituídas pela promoção de crescimento mental graças à expansão da capacidade de pensar. A existência de uma mudança paradigmática implicaria um processo de desenvolvimento não-cumulativo, diverso, portanto, daquele aqui exposto. Como quer que seja, julgo-o uma maneira válida e útil tanto na compreensão do caminho percorrido pela psicanálise até o presente (incluindo as eventuais mudanças de paradigma) como para abrir espaço e alertar quanto a possíveis evoluções futuras. Um arcabouço para pensar os problemas em apreço.

Para finalizar esboçarei minha posição pessoal quanto à conceitualização e ao uso dos desenvolvimentos até aqui expostos.

No que diz respeito ao trabalho analítico com os sujeitos ativos no espaço analítico valho-me da noção de “modo complementar de descrição” postulado por Bohr (1958, p. 10) a partir do que chamou *lição epistemológica* propiciada pela física atômica. Essa extensão epistemológica à psicologia é, aliás, sugerida por seu próprio autor.

Na física quântica Bohr afirma ser impossível conhecer o funcionamento autônomo de um objeto porque seu comportamento será inevitavelmente afetado pelo processo de observação. Por isso, informações sobre o mesmo objeto

obtidas com diferentes meios de observação serão não apenas distintas entre si como, ademais, não poderão ser integradas sob um mesmo denominador comum conceitual. Mesmo assim, essas informações mutuamente incompatíveis representam, cada uma delas, aspectos essenciais para o conhecimento mais abrangente do objeto. É a esse último aspecto que Bohr chama modo complementar de descrição, que nada tem a ver com a noção de *séries complementares* de Freud (1916 [1917]). É também diferente do postulado afirmado pela teoria da relatividade de que a explicação dos fenômenos depende do sistema de referência do observador, pois isso não implica que o comportamento do objeto em si seja alterado. O comportamento da luz como partículas (descontínuo) em certas experiências e como onda (contínuo) em outras é um exemplo típico de complementaridade. Em sua extensão epistemológica às questões psicológicas, Bohr (1958) diz que qualquer conteúdo mental é invariavelmente alterado quando alvo de observação. As experiências psíquicas descritas como *pensamento* e *sentimento*, assim como *consciente* e *inconsciente* também teriam entre si tal relação de complementaridade.

Penso que os fenômenos psicanalíticos precisam ser considerados dessa mesma maneira, o que não significa em absoluto dizer que são de natureza idêntica ao objeto quântico. Implica tão somente propor que, também no caso deles, as interferências entre o observado e seu observador – entre os funcionamentos psíquicos do paciente e do analista na sessão – são inevitáveis, de um modo tal que é essencialmente impossível captá-los separadamente.

Empregando outra metáfora de Bohr (1958), pode-se dizer que é impossível conhecermos como se comporta o ator na ausência do espectador, porque, quando em contato, um influenciará inevitavelmente o outro. Considero que essa dupla ator/espectador pode ser tanto o próprio paciente procurando compreender seu funcionamento, o funcionamento do analista ou do par que constituem, como o analista investigando seus próprios sentimentos na sessão, aqueles do paciente ou os da dupla. Em cada uma dessas situações o comportamento tanto do ator como do espectador será diferente. Não se trata, portanto, de simplesmente ver o mesmo fenômeno desde vértices diferentes, mas sim de lidar com um outro fenômeno. Penso, no entanto, que o trabalho analítico envolve e exige observações desde todos esses *vértices*, para valer-me de um termo usado por Bion (1965). É mesmo possível que tal uso de *vértices complementares* constitua um aspecto nuclear daquilo que Freud (1914) chamava de perlaboração durante o processo analítico.

Essa proposição acerca de vértices complementares contém diferenças tanto em relação a Ogden (1994) quanto a Baranger e Baranger (1969). No que tange ao primeiro, não penso que exista uma tensão dialética entre o terceiro analítico intersubjetivo e as subjetividades do paciente e do analista, o que implicaria

sínteses momentâneas entre os três componentes. A noção de complementaridade desconsidera essa possibilidade. Com toda a razão Plotnitsky (1994) afirma que o posicionamento epistemológico de Bohr contraria e é incompatível com a dialética hegeliana.

Baranger, M.; Baranger, W. (1969) e Baranger, M.; Baranger, W. ; Mom, J. (1982), por sua vez, propõem um recurso técnico que chamam de *segundo olhar* para possibilitar ao analista detectar e tratar os *baluartes* presentes no campo analítico, ou seja, as defesas geradas pelo e no par. Não me consta, entretanto, considerarem que, nesse momento, origina-se um novo e distinto fenômeno, conforme penso ao utilizar a noção de vértices complementares.

Pergunto-me se a noção de características mutuamente excludentes, mas igualmente necessárias para a descrição abrangente de um fenômeno, própria da descrição complementar (Plotnitsky, 1994), não guarda estreitas relações com aquela de *cesura* formulada por Bion (1976) a partir de uma citação de Freud.

No que tange aos conteúdos da mente, valho-me de uma adaptação da grade proposta por Bion (1963, 1977a), para tentar organizar, compreender e trabalhar analiticamente com os diferentes domínios das representações, do não-representado e das representações destruídas. Disponho-os em um sistema de coordenadas, conforme também sugerido por Bion (1963, 1977a) (ver anexo 3).

Assim, no eixo vertical estão dispostos os diferentes níveis de elaboração psíquica, ou de abstração como diz Bion (1963), mas em posição inversa à de sua grade. No extremo superior, positivo, situam-se as formações maximamente simbólicas, resultantes do trabalho da função alfa e do aparelho de pensar (Bion, 1962). No inferior, negativo, estariam os fenômenos *bizarros* (Bion, 1962) decorrentes da inversão da função alfa.

No eixo horizontal localizam-se os diferentes usos possíveis das formações psíquicas. No pólo direito, positivo, tal uso objetiva aprender da experiência emocional. No outro, negativo, visa à evasão desta experiência.

No ponto zero, isto é, no cruzamento dos dois eixos, encontram-se os fatos não-digeridos psiquicamente, descritos por Bion (1962) como elementos beta.

O quadrante superior direito acolhe o que chamaria de imaginação criativa, equiparável ao brincar conforme descrito por Winnicott (1971). O superior esquerdo contém as defesas neuróticas classicamente descritas. O inferior esquerdo corresponde às defesas psicóticas e deixaria o direito em aberto, para investigar a possibilidade de formações psicóticas serem usadas objetivando aprender da experiência.

Os fenômenos situados em cada um desses quadrantes têm, no espaço analítico, diferentes características fenomenológicas, distintas manifestações

transferenciais e contratransferenciais e também demandam variadas formas de trabalho analítico. Apenas para exemplificar, diria que, quanto mais típicos do quadrante superior esquerdo, mais apresentam as propriedades descritas classicamente por Freud e mais se prestam à técnica psicanalítica por ele proposta. Quanto mais rentes ao eixo horizontal, mais necessitam o empréstimo da mente do analista, com sua própria função alfa, capacidade de *reverie*, etc, para, como diz Meltzer (1986), sonhar pelo paciente a experiência emocional que ele próprio não consegue sonhar. Além disso, mostram-se úteis, em tais estados, o que chamo de *interpretações treliças*, (Hartke, 2005), pensando nas estruturas usadas nos jardins para favorecer o crescimento de certas folhagens. O objetivo seria favorecer o processo de simbolização. O espaço analítico constitui-se, nesses casos, como uma espécie de *incubadora de símbolos* (Hartke, 2005). Quanto mais classificáveis no quadrante inferior esquerdo, mais, provavelmente, o *setting* transforma-se em um ambiente de *holding*, no sentido que Winnicott (1965) dá a esse termo.

Cito tais situações apenas como exemplos das possibilidades de uso da grade de Bion. O fundamental nisso tudo é constituído, a meu ver, pela necessidade e importância de identificar e conceitualizar os diferentes tipos de conteúdos mentais encontráveis no espaço analítico, mesmo no transcorrer de uma única sessão, e que demandam mudanças condizentes na modalidade de trabalho analítico. Estaríamos, nesses casos, diante de diferentes modelos psicanalíticos, ou apenas de distintas formas dentro de um único?

Uma outra consequência dos últimos desenvolvimentos acerca dos conteúdos da mente seria, talvez, uma concepção psicanalítica mais restrita e exigente acerca do que constitui vida psíquica propriamente dita. Assim, Meltzer (1986) propõe que muitos fenômenos mentais, mesmo complexos, constituem, na verdade, apenas reações automáticas, não pertencentes à área simbólica, que constitui a essência da mente. Esse seria o caso do funcionamento caracterológico, chamado por ele de *exoesqueleto protomental da personalidade*. É também o que caracteriza nossos atos habituais, condutas sociais, relações humanas contratuais e funcionamento grupal. Outros são formações simbólicas adquiridas de terceiros e usadas sem qualquer processamento individual. Na verdade, sob essa perspectiva, podemos considerar que nosso funcionamento adaptativo cotidiano é, na maior parte do tempo, não-psíquico. Meltzer (1986) o caracteriza como bidimensional, baseado em identificações primitivas, no treinamento e na imitação das qualidades externas dos outros. Evidencia o predomínio de uma adaptação automática aos requisitos sociais e formas convencionais de reação, ligadas basicamente aos fatos externos. O psíquico propriamente dito, por outro lado, seria constituído pela transformação de percepções e emoções organizadas apenas por processos de um nível

essencialmente cerebral ou, então, proto-mental, em experiências psíquicas pessoais e intransferíveis, carregadas de uma penumbra de associações idiossincráticas, ligando singularmente passado, presente e futuro. Em outras palavras, quando fatos e objetos pertencentes a um sistema de coisas e de forças sem significado sofrem um processo de transcendência e se transformam em experiências psíquicas simbólicas, inseridas em um sistema particular de significados. De acordo com Meltzer (1986), essa capacidade humana de formar símbolos para representar significados – a essência da mente – transforma o simples registro cerebral de dados (memória como propriedade do cérebro) em recordações (memória como função psíquica), a mera manipulação dos mesmos através de operações lógicas em pensar e a sua transmissão como bits de informação em uma variedade de formas simbólicas para a comunicação de idéias. Poderíamos ainda acrescentar que também transforma o instinto em pulsão, a sexualidade biológica em psicosexualidade, etc.

Quanto tempo, em nossos consultórios, não apenas nossos pacientes, mas nós mesmos, como analistas, estamos na verdade funcionando nesse nível bidimensional? Quantas de nossas compreensões e intervenções não constituem apenas atividades automáticas, imitativas e convencionais?

Sob essa última perspectiva, muitos analistas contemporâneos – e me incluo entre eles – consideram que o objetivo último e o fator curativo específico da psicanálise consiste basicamente em ampliar as potencialidades do analisando de processamento psíquico, aumentando, dessa forma, sua capacidade de continência (Bion, 1962) às emoções. Com isso, haverá menos necessidade de recorrer aos mecanismos defensivos classicamente descritos. Essa formulação é diferente das proposições freudianas no sentido de conscientizar o inconsciente ou tornar ego onde estava o id, na medida em que envolve, primariamente, transformar em psíquico – tanto consciente quanto inconsciente – o que até então era proto-mental. Em termos bionianos isso ocorre graças a uma ampliação da função alfa (da qual a *reverie* é um dos fatores) e do aparelho de pensar (Bion, 1962). Nessa mesma direção, e inspirado tanto em Bion quanto em Winnicott, Ogden (1997) propõe que o processo analítico resulta na construção de um “espaço onírico intersubjetivo” (p. 108) que possibilitará ao analisando (e ao analista) a expansão também interna de “um espaço para viver na área de experiência existente entre a realidade e a fantasia” (p. 121).

De um modo semelhante, porque também valorizando algo que tem a ver com o espaço potencial lúdico descrito por Winnicott (1971), Green (1995) vincula a normalidade psíquica e o objetivo da análise a uma ampliação daquilo que chama *processos terciários*. São processos que colocam os processos primários e secundários em uma relação simultaneamente de conjunção e disjunção, de um

modo tal que cada um deles fertiliza o outro com as suas propriedades favorecedoras de um funcionamento mental otimizado entre a criatividade e a estabilidade e, ao mesmo tempo, limita aquelas dificultadoras desse objetivo. Vale a pena transcrever suas palavras a esse respeito, expressas em termos da teoria da libido:

Vistas assim as coisas, é compreensível que a noção de *mobilidade libidinal* seja tão importante. A estabilidade da energia libidinal (sem estancamento) e sua colocação em movimento (sem *perpetuum mobile*) se alternam na variedade, diversidade e gama de investimentos. Mas também nas transformações da energia libidinal pela possibilidade de converter um processo primário em processo secundário e vice-versa. Ao final das contas, a noção de *equilíbrio instável* dá conta desses processos entre o incessantemente moveido e o definitivamente coagulado, entre o chamado incessante do que está em outra parte e a detenção definitiva do aqui, entre o caos e o imobilismo, ambos igualmente mortíferos, ainda que em sentidos contrários: o duplo jogo dos processos primários e secundários protege contra a tirania exclusiva de uns sobre os outros (p. 187, grifos do autor).

Essa descrição de Green (1995) poderia ser compreendida, valendo-nos da chamada *Nova teoria da complexidade* (Waldrop, 1992, Lewin, 1993), como um funcionamento no *limite do caos*. Trata-se de um ponto entre o caos e a estagnação no qual os sistemas adaptativos complexos evidenciam um equilíbrio otimizado entre a flexibilidade e a estabilidade, entre a estrutura e a surpresa, gerando constantemente formas novas e imprevisíveis, mas sendo também capaz de armazená-las. É o ponto de máxima criatividade, aptidão, adaptabilidade e capacidade para processamento de informações do sistema. Penso que tal teoria pode propiciar modelos que auxiliariam a compreensão de vários aspectos básicos tanto do funcionamento da mente quanto daquilo que é propiciado e almejado pela psicanálise (Hartke, 2004b).

Finalmente, em uma posição quase nas antípodas das formulações freudianas, Bollas (2002) sublinha que a associação livre do analisando e a atenção uniformemente suspensa bem como a *reverie* e as interpretações do analista propiciam àquele (mas também ao analista) uma experiência singular que lhe possibilita sobretudo uma expansão da mente inconsciente, uma ampliação quanto à extensão e profundidade do pensamento inconsciente, tornando-o, assim, mais apto e ciente quanto ao valor da criatividade pessoal. Nas palavras do próprio autor:

[...] o resultado eficaz de uma psicanálise pode muito bem ser, em grande parte, a experiência profundamente significativa que a pessoa vive ao transmitir o seu eu a um outro – talvez realizando uma necessidade latente por milhares de anos na nossa espécie que só agora encontrou uma forma evoluída própria para essa necessidade. Quando o analisando desenvolve a capacidade de pensar, comunicar e receber nesses níveis inconscientes, podemos dizer que a psicanálise contribui para o crescimento da mente do paciente. Embora essa expansão inclua a consciência, na medida em que, obviamente, ambos os participantes são receptores conscientes dos efeitos da atividade inconsciente, o maior valor desse aspecto da psicanálise está no desenvolvimento das aptidões inconscientes (p. 68).

Constata-se, assim, que também na questão dos fatores terapêuticos é possível observar uma certa linha de desenvolvimento que merece ser considerada: Freud, em consonância com o *Zeitgeist* racionalista de seu tempo, privilegiava os efeitos curativos da dominância dos processos secundários, próprios do consciente e predominantes no ego. Muitos autores contemporâneos, inseridos em novos horizontes epistemológicos, matizam claramente tal predomínio, valorizando uma relação otimizada entre os processos primários e secundários ou até mesmo privilegiando a expansão do inconsciente.

No meu modo de pensar, todas essas últimas considerações não excluem o trabalho analítico nos moldes gerais classicamente propostos por Freud com certos pacientes ou, melhor, em determinados períodos das análises ou momentos de sessões, segundo sugeri ao descrever os empregos possíveis da adaptação da grade de Bion. Entretanto, a remoção de defesas e a recuperação de memórias inconscientes não constituiria o fator terapêutico em si, como propunha Freud, mas sim apenas um meio, um instrumento, um caminho para auxiliar o analisando a ampliar sua capacidade geral de processar e simbolizar as experiências emocionais, conforme já referi. Nessa mesma direção, Sugarman (2006) considera que a ação terapêutica da psicanálise não deriva da conscientização em si de conteúdos psíquicos específicos rechaçados, mas sim de uma ampliação geral da capacidade de *insight* (*insightfulness*) que isso propicia. Em outras palavras, do acesso a uma *mentalização* até então repudiada ou inibida, passando de um modo de funcionamento baseado sobre tudo na ação para um nível simbólico verbal de organização da mente.

Ao finalizar *Making the best of a bad job*, Bion (1979) diz que a guerra entre a revolucionária experiência do pensar e o conservadorismo autoritário ainda não terminou. Nem terminará! Por isso, necessitamos continuar atentos e

permanentemente disponíveis para detectar e procurar suplantar os obstáculos que sempre estarão surgindo ou reaparecendo ao longo do caminho psicanalítico destemidamente aberto por Freud. Como o oficial no campo de batalha na citação de Bion (1977b) epigrafada neste trabalho. Rumo... a uma imaginária situação analítica total. □

Abstract

The evolution of psychoanalytical theory and practice: toward an asymptotic total analytic situation

The author proposes that the development of psychoanalytical theory and technique may be understood as a gradual reduction on the exclusion of personality aspects and of aspects of the mind content, of both the patient and the analyst. This exclusion would derive from epistemological, theoretical, technical and emotional limitations to deal with the storm of emotions present in the relation. Development would occur in the direction of an asymptotic total analytic situation, which would include the acceptance and technical use of the largest possible number of the referred aspects and contents. For the matter of the first ones, the evolution would have happened since the exclusive focalization on the symptom of the patient to the recognition and utilization of the intersubjective phenomena generated in the and by the pair. Relating to the mind content, it has initiated centered in the repressed psychic representations coming to phenomena originated in the destruction or insufficiency of the representational system. Points of view of the author relating the technical use of these developments are exposed, considering the notion of complementary vertex, based on Bion and Bohr, and on an adaptation of Bion's grid. The present existence of a more restrict concept of psychic life properly speaking is argued.

Keywords: Psychoanalytical theory. Psychoanalytical technique. Total analytic situation. Complementary vertex. Bion's grid. Psychic life. Protomental.

Resumen

La evolución de la teoría y de la práctica psicoanalíticas: hacia una asintótica situación analítica total

El autor propone que el desenvolvimiento de la teoría y de la técnica psicoanalíticas puede ser comprendido como una reducción gradual de la exclusión de aspectos

de la personalidad y de contenidos de la mente, tanto del paciente como del analista. Esa exclusión decorrería de limitaciones epistemológicas, teóricas, técnicas y emocionales para manejar con la tempestad de emociones presentes en la relación. El desenvolvimiento ocurriría en dirección a una asintótica situación analítica total, que envolvería la aceptación y uso técnico del mayor número posible de los referidos aspectos y contenidos. Cuanto a los primeros, la evolución tendría ocurrido desde la focalización exclusiva en el síntoma del paciente hasta el reconocimiento y utilización de fenómenos intersubjetivos generados en y por el par. En relación a los contenidos de la mente, empezó centrada en las representaciones psíquicas recalculadas llegando a fenómenos transcurrientes de la insuficiencia o destrucción del sistema de representaciones. Son expuestos puntos de vista del autor sobre el uso técnico de estos desenvolvimientos, utilizando la noción de vértices complementares, apoyada en Bion y Bohr, y de una adaptación de la tabla de Bion. Es discutida la vigencia actual de un concepto más restricto de vida psíquica propiamente dicha.

Palabras llave: Teoría psicoanalítica. Técnica psicoanalítica. Situación analítica total. Vértices complementares. Tabla de Bion. Vida psíquica. Protomental.

Referências

- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1969). La situación analítica como campo dinámico. In: _____. *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman, p. 129-164.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. ; MOM, J. (1982). Proceso y no proceso en el trabajo analítico. *Revista de Psicoanálisis*, v. 39, n. 4, p. 526-550.
- BION, W. (1962). Learning from experience. In: _____. *Seven servants: four works by Wilfred W. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977, p. 1-105.
- _____. (1963). Elements of psycho-analysis. In: _____. *Seven servants: four works by Wilfred W. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977, p. 1-110.
- _____. (1965). Transformations. In: _____. *Seven servants: four works by Wilfred W. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977, p. 1-72.
- _____. (1967). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. (1976). Sobre uma citação de Freud. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 7, n. 2, p. 291-296.
- _____. (1977a). The grid. In: _____. *Two papers: the grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 8-39.
- _____. (1977b). Bion em Nova Yorque. In: _____. *Conversando com Bion: quatro discussões com W. R. Bion*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 69-167.
- _____. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 13, n. 4, p. 467-478.
- BOHR, N. (1958). *Física atômica e conhecimento humano*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- BOLLAS, C. (2002). *Associação livre*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- BOTELLA, C.; BOTELLA S. (2001). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

- _____. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- BREUER, J; FREUD, S. (1893-1895). Estudios sobre la histeria. In: FREUD, S. *Obras Completas*. v. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 1985, p. 1-309.
- FAYE, J.; FOLSE, H. (1998). *The philosophical writings of Niels Bohr*. Woodbridge: Ox Bow.
- FERRO, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2005). *Fatores de doença. Fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1894). Las neuropsicoses de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias). In: *Obras Completas*. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 41-68.
- _____. (1895). Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de *neurosis de angustia*. In: *Obras Completas*. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 85-115.
- _____. (1898). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In: *Obras Completas*. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 251-276.
- _____. (1904). El método psicoanalítico de Freud. In: *Obras Completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1978, p. 235-242.
- _____. (1905). Fragmento de análisis de um caso de histeria. In: *Obras Completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1978, p. 2-107.
- _____. (1910). Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica. In: *Obras Completas*. v. 11. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 129-142.
- _____. (1912). Sobre la dinámica de la transferencia. In: *Obras Completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 93-105.
- _____. (1914). Recordar, repetir y reelaborar. Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis. In: *Obras Completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 145-157.
- _____. (1916 [1917]). Conferencias de introducción al psicoanálisis. Parte III. In: *Obras Completas*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- _____. (1920). Más allá del principio del placer. In: *Obras Completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, p. 2-62.
- GREEN, A. (1995). Notas sobre los procesos terciarios. In: _____. *La metapsicología revisada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996, p. 185-189.
- HARTKE, R. (2004a). The basic traumatic in the analytical relationship. *Int. J. Psycho-anal.* v. 86, n. 2, p. 267-290.
- _____. (2004b). *Criatividade e expansão psíquica no limite do caos: a mente como um sistema adaptativo complexo*. Trabalho apresentado no Encontro Bion 2004, São Paulo, jul. 2004.
- _____. (2005). A relação terapêutica hoje: para além da transferência, da contratransferência e das representações. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. v. 7, n. 2-3, p. 281-293.
- HEINMANN, P. (1950). On counter-transference. *Int. J. Psycho-anal.* v. 31, n. 1, p. 81-84.
- HONDERICH, T. (1995). *The Oxford companion to philosophy*. Oxford: Oxford University.
- KERNBERG, O. (1965). Notes on countertransference. *Journal American Psychoanalytic Association*. v. 13, n. 1, p. 38-56.
- KLEIN, M. (1952a). As origens da transferência. In: *Obras Completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 70-79.
- _____. (1952b). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Obras Completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 85-118.
- KUHN, T. (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LACAN, J. (1966). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537-590.
- LEWIN, R. (1993). *Complexidade: a vida no limite do caos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- MELTZER, D. (1986). *Metapsicologia ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- OGDEN, T. (1994). *Subjects of analysis*. Northvale: Jason Aronson.
- . (1997). Privacy, reverie and analytic technique. In: ———. *Reverie and interpretation. Sensing something human*. New York: Jason Aronson, p. 55-133.
- PLOTNITSKY, A. (1994). *Complementarity*. Durban: Duke University.
- RACKER, H. (1952). Observaciones sobre la contratransferencia como instrumento técnico. *Revista de Psicoanálisis*. v. 50, n. 3, p. 605-617.
- REICH, W. (1933). *Análisis del carácter*. Barcelona: Paidós, 1980.
- SUGARMAN, A. (2006). Mentalization, insightfulness, and therapeutic actions. *Int. J. Psycho-anal.* v. 87, n. 4, p. 965-987.
- WALDROP, M. (1992). *The emerging science at the edge of order and chaos*. New York: Touchstone.
- WINNICOTT, D. (1963). O medo do colapso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHRED, R.; DAVIS, M. (orgs). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 70-76.
- . (1965). The theory of the parent-infant relationship. In: ———. *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Hogarth, p. 37-55.
- . (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 28/08/2007

Aceito em 29/08/2007

Raul Hartke

Rua Itaqui, 98/305

90460-140 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: rahartke@brturbo.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

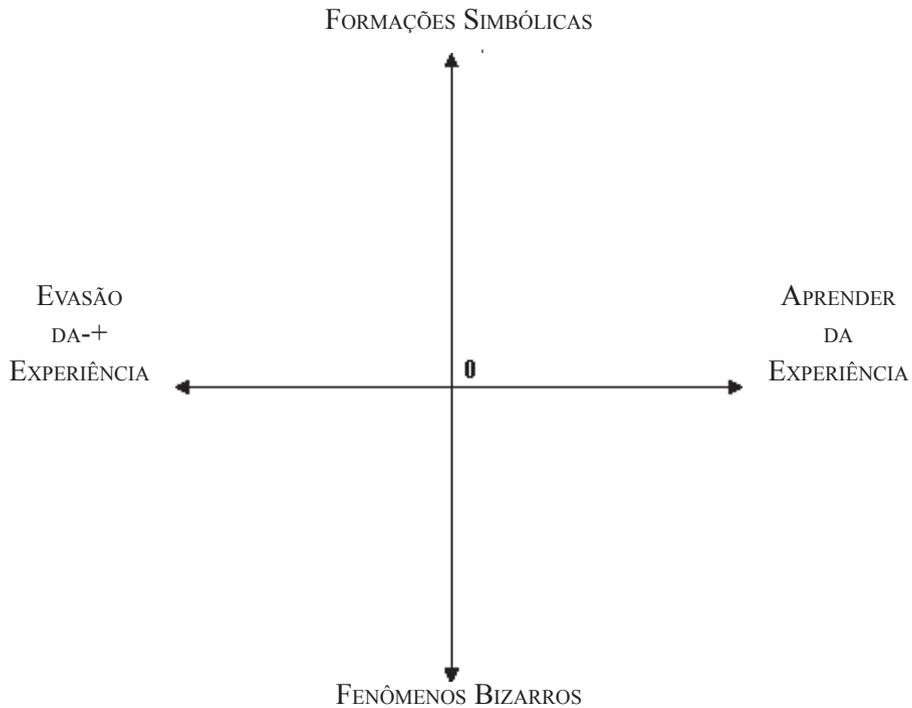
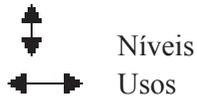
Anexo 1: Aspectos da Personalidade do Paciente e do Analista Reconhecidos, Conceitualizados e Usados Tecnicamente na Sala da Análise

Aspectos da Personalidade Período	PACIENTE		ANALISTA	
	Inclusão	Exclusão	Inclusão	Exclusão
Pré- Psicanalítico	Sintoma “físico”	Toda a vida psíquica	Autoridade e raciocínio médicos	Restante da vida psíquica
Hipnose	Sintoma psíquico	Restante da personalidade, incluindo parte desperta	Idem acima	Idem acima
“Pressão”	Paciente acordado	Personalidade desperta mas apenas sintoma	Idem acima	Idem acima
Associação Livre	Outros aspectos além do sintoma. Caráter	Emoções dirigidas ao analista	Atenção uniformemente flutuante	Reações emocionais despertadas pelo paciente
Transferência e Contratrans- ferência Restritas	Algumas emoções dirigidas ao analista	Transferência erótica sublimada	Algumas reações emocionais despertadas pelo paciente	Essas mesmas reações
Transferência e Contratrans- ferência Totais	Todas as emoções dirigidas ao analista	Função analítica da personalidade	Todas as reações emocionais. Reverie	Fenômenos do par
Campo ou Terceiro Intersubjetivo	Fenômenos do par	Idem acima	Fenômenos do par	Idem acima
Paciente como “o melhor colega”	Função analítica da personalidade	?	Idem acima	?

Anexo 2: Conteúdo da Mente Reconhecidos, Conceitualizados e Usados Tecnicamente na Sala de Análise

PERÍODO	CONTEÚDOS
Teoria clássica das Representações	Representações inconscientes devido ao recalçamento
Identificação Projetiva	Conteúdos psíquicos cindidos e projetados, vivenciados por outra mente
Além das Representações	Fenômenos substitutivos à insuficiência ou destruição das representações

Anexo 3: Níveis de Elaboração e Usos das Formações Psíquicas



0=Fatos não digeridos psiquicamente. Elementos beta.

1=Imaginação criativa.

2=Defesas neuróticas.

3=Defesas psicóticas.

4=?